

Despolitização é projeto político



Por DÉMERSON DIAS*

Sem debate político não existe aproximação e inclusão das diferenças

“E na TV se você vir / um deputado em pânico / mal de simulado / diante de qualquer / mas qualquer mesmo / qualquer, qualquer / plano de educação / que pareça fácil / que pareça fácil e rápido / E vá representar / uma ameaça / de democratização / do ensino de primeiro grau” (Caetano Veloso e Gilberto Gil. *Haiti*).

Em uma transmissão ao vivo de uma celebridade do mundo da música, uma criança, ao fundo, fala em denunciar Bolsonaro e chamam sua atenção que trata-se de uma transmissão pública. Um “campeão” da falácia do empreendedorismo, que abandonou os seus iguais para ser servil no centro da opressão mundial e, por oportunismo, torna-se agente político público. Ao ver que irmão, no pólo oposto das convicções socioeconômicas e fetichizadas, que reafirmava a primazia do bem comum sobre o individual e, por isso era perseguido pelos raivosos defensores da economia de mercado (necessariamente usurpadores do bem público), reconhece a virtude da existência dos serviços públicos.

Uma das perversões mais espantosas produzida por aquela peçonha pedagógica chamada Educação Moral e Cívica, foi introjetar o dogma de que política pertence à esfera íntima. Esse programa ideológico não se sustenta no cotidiano, mas provoca várias desconstruções nas relações sociais (inclusive o ódio e o obscurantismo).

Quando o senso comum afirma que não se discute política, religião e futebol, está sujeitando esses temas a um território de violências viscerais. Todo assunto suprimido arbitrariamente, escoa para região das pulsões, fetiches e infantilidades.

O que pacífica é o diálogo. Principalmente porque o exercício de entender que a dimensão do outro é socialmente complementar a dimensão do eu é o que vai patrocinar o surgimento da tolerância na esfera social. Quanto mais as pessoas discutem, se pronunciam e ouvem argumentos a respeito de um tema, maior esclarecimento e conhecimento produzido sobre ele.

Traduzindo, conversar sobre um assunto é o principal jeito de chegarmos a acordos e consensos, sem que nenhuma das partes precise deixar aquilo que acredita, ou gosta.

Há alguns anos me incomoda que programas esportivos, irracionalmente diários, apresentem debates esportivos em formato muito similar a um ringue de lutas. E fazem mais sucesso aqueles que mais esbravejam. Programas como esses, ao invés de discutir as virtudes gerais do esporte e dos atletas, semeiam e adubam impulsos afetivos que afirmam que somente anulação e sujeição do time adversário (o outro) garantem a validade do “meu time”. O exercício psicosocial cotidiano é que o eu somente subsiste diante da destruição contínua e permanente do outro.

Na religião, a ideia de “povo escolhido” é o pai das guerras e as atrocidades. Assim como patrocinou a escalada machista que humilhou, torturou e assassinou mulheres. Ao fazê-lo criou as raízes do feminicídio contra o qual, felizmente, hoje nos contrapomos. Não é acidental que a matriz judaico-islâmico-cristã seja a que produziu a esmagadora maioria dos processos de destruição.

Ao contrário do que supõe, por indução ideológica, o senso comum, trata-se de uma estratégia de cerceamento impostas de forma subliminar. E são componente programático de um projeto autoritário de dominação e sujeição da sociedade.

Essas e outras formas de obscurantismo, além de fazerem parte de qualquer modelo político autoritário, também estão na base da destruição de qualquer processo educacional saudável.

a terra é redonda

Praticamente todas as formas religiosas evoluíram em algum sentido para o exercício da tolerância, principalmente o cristianismo. Imagine todas as religiões se unirem contra as injustiças e maldades que aprisionam e exploram seus povos. Teremos revolução.

O esporte move e monopoliza paixões, imagine se a força da soma de todas as paixões organizadas, caso deixem as disputas apenas dentro do Gramado e busquem, singelamente, lutar por melhorias e garantias no mundo dos esportes (subárea da educação, consiste em entrelaçamento de aspectos socioeconômicos, saúde, e organizacional, ou seja, por extensão, políticos). Teremos revolução.

Em sua potencialidade toda educação é uma guerra contra as falsidades e a favor do esclarecimento. Imagine todos os educadores e educandos reconhecendo a origem e sustentação das obscuridades, e também que só faz sentido entender o mundo para transformá-lo em algo melhor, quem inclua e admita a todos. Teremos revolução.

Finalmente, é por isso que nossas mentes foram sabotadas, para termos aversão à discussão e à política. A política não foi uma invenção teórica e acadêmica. Ao contrário, o estudo sobre a política decorre da existência de uma prática social cuja essência está na promoção de um bem comum.

Pertence à política o desenvolvimento da diplomacia como forma mais sofisticada de solução de conflitos, em particular, para pôr fim às guerras.

O debate político, quando eu exponho as minhas razões e ouço, com respeito, mesmo que apenas ritualístico, as razões do outro, produz afinidades e sínteses. Inclusive por determinação biológica (busca por padrões convergentes).

A violência contra o outro, na natureza, só existe no contexto da sobrevivência. Não existe agressão por presunção, exceto em situações muito específicas. Importante notar que numa mesma espécie, isso só foi observado a partir do surgimento de algum tipo de consciência (noção de eu).

A discussão política produz também o surgimento do “terceiro mediador”. Quando presenciamos a exposição de dois pontos de vista supostamente contrários, somos capazes de entender que as razões de um, não necessariamente exclui as razões de outro. A política é, portanto, também, o território em que os interesses são hierarquizados e dispostos de forma a contemplar da melhor possível a totalidade social. Mais ainda, sem debate político não existe aproximação e inclusão das diferenças. E somente a partir dele rejeitamos a indiferença ao sofrimento alheio, ou comum.

Deu para entender por que ainda não destruímos nossos opressores?

*Démerson Dias é funcionário público.